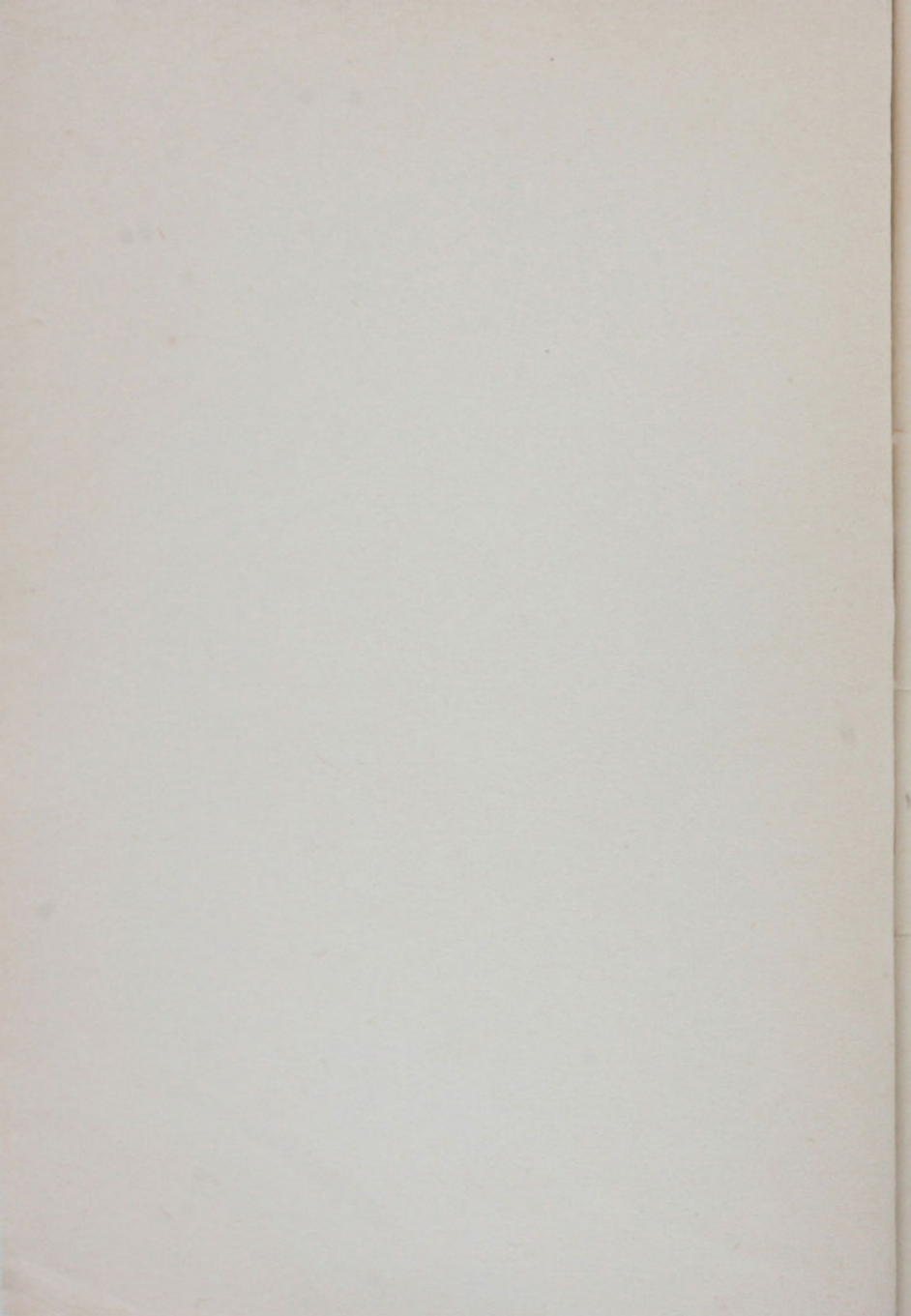


I M A G E M

e n s a i o s c r í t i c o s

D E A R T U R A U G U S T O

edições momento



ESTE EXEMPLAR PERTENCE
A FERNANDO PESSOA,
aluno da minha
maior admiração
com a simpatia de

Amor aos
Lisb. Fev. 35

I M Á G E M
ensaios críticos

LIVROS MEUS PUBLICADOS

MAIS A L E M

1931—esgotado

/

ROMANCE DE INES DE CASTRO

1934—1.^a e 2.^a edição: esgotadas

/

IMAGEM — ENSAIOS CRITICOS

1935

A PUBLICAR

A MULHER DOS DOIS CORAÇÕES

romance

/

EU, DEUS E O DIABO

tragédia que se resolve em
dois actos bons e um mau

/

CLOWNARIAS

poemas

I M A G E M

e n s a i o s c r í t i c o s

D E A R T U R A U G U S T O

/

EDIÇÕES MOMENTO

1935



AOS MEUS AMIGOS E
AOS MEUS INIMIGOS
A TODOS *INDIFERENTEMENTE*

As coisas são várias como os homens. E para
tudo o homem encontra explicação. As expli-
cações são várias como as coisas e os homens.

A RAZÃO DE SER ASSIM

a razão de ser assim

Um livro de ensaios tem geralmente o aspecto grave e digno de um burguês encafudado num fraque, dizendo as palavras mais bonitas que sabe e alardeando todos os conhecimentos e todas as relações. Dêste ar domingueiro e pesado teem participado os livros de ensaios de alguns dos nossos modernistas: não encontramos nêles a chama que aquece e entusiasma, o desvairamento ideal que prende e subjuga, antes lembram pretenciosas imitações aos ensaios clássicos. Eu não venho dizer como acho que deve ser escrito um livro de ensaios; quero com isto exprimir a minha opinião acêrca do que tenho lido. Se são livros de novos, onde está aquêlê calôr na discussão, aquêlê entusiasmo comunicativo, aquela franca juventude que tudo absolve e que nos faz tudo condenar?

A serenidade é boa para os clássicos, sempre contidos pela forma, respeitando muito a gramática e certas regras prescritas na «arte de bem escrever». A nós, geração tumultuosa e continuamente inovadora, que fomos sacudidos pela mão nervosa do progresso, cumpre-nos ser independentes até ao extremo, têr a coragem moral de proclamar as nossas ideias, sejam elas quais forem, tomem o caminho que tomarem, porque a vitória é nossa, quanto mais não seja pela razão consoladora de que os velhos morrerão antes de nós. A vida é uma luta incessante, onde cada um procura, num egoísmo feroz, atropelar os outros, num desejo fremente de vencer. E dessa luta trágica e titânica, dessa guerra sem tréguas, desse escoadouro brutal de inergias, desse interchocar de paixões, ha-de surgir a obra de arte, com o dinamismo da vida de hoje; a mesma força e o mesmo ímpeto aniquilador. ¿Onde pode haver serenidade, a meditação quieta e quasi edilica dos românticos e ess'outra análise fria e disforme, por calculada que era, dos realistas, se a tragédia do homem é a tragédia da alma e toda a tragédia é rápida e fulminante? Fixar um instante, surpreender a relação de conexidade entre o individual e o universal — a vida e a eternidade — dentro do nosso mundo interior, porque só dentro de nós ha verdadeira realidade, e traduzi-la num gesto ou num anseio, é isto que se pretende: tudo o mais é sonhada fantasia. O mundo exterior, onde situamos os objectos materiais, ou melhor dizendo, aquilo que

nos provoca sensações, é uma sombra da realidade que em nós vive. A realidade vai de nós para o mundo exterior e nunca dêste para nós. Do mundo só nos veem sensações e nunca realidades. Por tal, a arte é sensação, independente de forma ou de outra qualquer imposição humana. As sensações não se aprendem nem se determinam: constata-se. O resto é classicismo: o resto é quasi nada.

/

UM ASPECTO DA LITERATURA PORTUGUESA

«Je crée des mondes avec ma pensée.»

DISQUES — poèmes inédits de Alvaro Canelas.

u m a s p e c t o d a literatura portuguesa

A maioria da geração nova está tão afastada das realidades que não consegue vêr á sua volta senão sombras do passado, fantasmas, com quem entra em luta e teme, como creança medrosa. Ao acordar para a vida do pensamento, sentiu-se desoladoramente, tragicamente só. A sua sensibilidade era em tudo diferente dess'outra sensibilidade passadista; surgira uma nova maneira de ser; e o incubamento formidável das inérgias que durante o século passado se operou, as conseqüências tremendas e imprevistas das doutrinas políticas e artísticas, abriram novos horizontes e a lançaram na maior das angústias, e no mais desolador dos caminhos, obrigando-a a caminhar por si e por seu próprio esforço crear um movimento de renovação em todos os campos da actividade humana.

O espectáculo da mentalidade passadista aflige-a como a presença de um fantasma animado por exquisito poder. Estando condenada por dignidade do pensamento e por imperativo lógico da filosofia contemporânea, a caminhar por si, odeia o passado que teima em dominá-la, que a arrasta e a faz viver a tragédia sobre-humana da conquista da originalidade. Quere ser original, não por cálculo, nem por attitude mental, mas como consequência do seu mundo interior. Uns, sentem-se impotentes para crear, procuram ser originaes por extravagâncias várias, saltos bruscos, transplantações de ideias originaes de outros, e falham! Voltam outra vez á lucta, procuram por todos os processos a victória, não vacilam ante o escândalo, avançam, derrubam barreiras, saltam todos os obstáculos animados e transfigurados pela sedução da glória. Voltam a falhar, e continuam. Outros, verdadeiros artistas, que poderiam ser creadores, quero dizer, originaes, impelidos pela mesma ância e a mesma sêde do azul, caminham a passo seguro, até que cansados e exgotados os primeiros recursos, buscam um arrimo amigo que lhes assegure tranquillidade e paz espirital. Cabe dizer agora, e isto como em parêntesis, que eu penso que geração alguma no mundo foi tão tomada de uma concentração mística, no puro sentido espirital desta palavra, como a geração a que eu pertenço. Misticismo puramente interior e resultante duma herança patológica, sem outras consequências do que a negação contraditória da divindade. Reto-

mado o meu primitivo pensamento e falando sobre os verdadeiros artistas eu quero afirmar que um só na minha geração conseguiu ser pessoal e atingir plenamente o seu objectivo; e esse é Fernando Pessoa. Outros, com tantas possibilidades como elle, ou ainda se não revelaram, ou o fizeram de um modo insufficiente e vago. Do grupo que se reuniu em volta da *Presença*, quasi todos enfermam, quanto a mim, de uma attitude que nunca os levará a bom caminho, do qual se estão afastando: o seguirem mais ou menos as pisadas de escritores estrangeiros, isto, por um desejo de chegar ao fim mais depressa. Veja-se essa complexa e superior organização de artista que é José Régio. O seu livro de poemas *Biografia*, é, não uma afirmação de possibilidades, mas a apresentação palpavel, vívida, concreta, de uma das mais pujantes e fortes personalidades contemporaneas. Influências, de quem? José Régio nêsse livro é absolutamente pessoal, sem antecedentes, sem influências. O tempo rodou, as circumstancias talvez o houvessem forçado a escrever um romance. Isso não sei. Mas o seu *Jôgo da Cebra-Cega*, é nitidamente proustiano. Régio despersonaliza-se, abandona a poesia e tenta o romance. Ora elle é estructuralmente um poeta. Espero que José Régio, se liberte das influencias que se notam no seu livro e enverede pelo caminho de que se afastou. Casais Monteiro, embora teoricamente esteja longe do classicismo, embora exalte a intuição individual, é no fundo o

que está mais perto na maneira clássica. A sua poesia, está subordinada inteiramente à sua análise de crítico e ela própria é uma sequência de ensaios. Não alongo mais estas notas porque não quero falar de A ou de B, mas antes, se citei alguns nomes foi somente para exemplificar. Que a minha geração tente a descoberta do seu mundo interior e daí parta para a conquista e descoberta de novos mundos, sem muletas nem arrimos; construa segundo a sua maneira de sêr e as suas emoções. Nada mais.

/

*A POESIA MODERNA
EM PORTUGAL*

a poesia moderna em portugal

Todo o poeta contem em si um drama. Seja êle o drama da interrogação inquieta da vida, seja o resultante do problema vasto e complexo em que se debate a sensibilidade original e creadora perante a sua eterna insatisfação, ou ainda essa tragédia mais simples, que se resume na busca sequiosa de um Ideal de beleza. Toda a poesia exprime estados de alma, e é emoção dinamizada. Ora, mesmo que o estado de alma se traduza numa alegre emoção, o poeta não abdica por um só momento da sua personalidade e não a abandona. E êste contínuo revelamento da alma, êste facto aparentemente simples do poeta têr de descobrir as suas emoções, envolve um alto e poderoso sentido dramático. Todo o poeta é pois um drama vivo. Na base da sua evolução creadora, ou melhor dizendo, no

desenvolvimento natural da espontaneidade artística, o poeta ha-de exprimir estados de alma, nuances de espírito, onde o comum das gentes se encontrará ausente, por falta de adaptação, ou por insuficiência espiritual. A incompreensão dos outros perante a sua arte, para êle tão humana e tão vivida, causa-lhe um aumento de tédio:

Por isso o meu tédio sem fim de incompreendido

Sá Carneiro

Mas outros artistas, agarrados sòmente á contemplação do seu panorama interior, presos só á existência real do seu Eu, não vêem a multidão, ou mantem para com ela o mesmo superior desdém de um senhor feudal ouvindo o uivar da plebe. O drama do artista incompreendido, ou o do poeta isolado dentro de si, tem a mesma resultante e é em tudo idêntico. Mas êste aspecto que acabo de focar é um puro incidente e vive à margem do assunto de que quero presentemente esboçar algumas ideias. Tem-se sempre estranhado que em Portugal não haja críticos. Ora êste facto, o de não termos críticos, é absolutamente lógico e está inteiramente de acordo com a maneira de sêr do povo que habita êste canto da Península. Não se é crítico sòmente por se desejar sê-lo, nem se é poeta se não se fôr dono de um temperamento emocional. Os semitas, em qualquer das suas ramificações, são povos dados mais à contempla-

ção do que a análise. O português, meio árabe, meio judeu, propendeu sempre para a poesia, que é onde o espírito mais permite divagações metafísicas e contemplativas. A poesia nasce com a nacionalidade, cresce e desenvolve-se com ela, toma acentos épicos quando a vemos atingir o maior esplendor, decai em profecias quando a nacionalidade decai, e aos baldões vem caminhando até ao romantismo, onde só sabe carpir imaginários amôres. Críticos, se os tivemos, foram mentalidades estrangeiras que se expressaram em português, como Antero, Oliveira Martins, Eça e Ramalho. Mas voltemos, novamente, à poesia, para eu afirmar que só nessa faceta da arte o português se encontra em sua casa; só aí ele é original e pode ir na vanguarda de quaisquer movimentos.

O movimento futurista, que se desenhcou em todo o mundo e por cá se repercutiu, era especialmente um movimento que se dirigia mais à forma do que à essência. Poderemos chama-lo um movimento anti-formal. Procurou libertar o espírito do invólucro clássico, preso a regras, a métodos e a escolas. Foi este o objectivo das correntes modernamente chamadas futurista. O futurismo não tinha pois, outro objectivo, que não fôsse o de franca rebelião contra o convencional. Só assim, esquecendo as formulas passadas, seria possível esta grande renovação mental que está sendo tentada pelos modernos. A poesia moderna é uma radiografia obtida

pelo próprio poeta. Explicando-me melhor, direi que toda a poesia moderna é uma análise individual que desce até ao sub-consciente, para que êle se nos revele. Daí o estar a poesia à parte de qualquer forma exterior, preocupada sòmente com a revelação da alma ou da consciência.

Um aspecto da poesia moderna, por ventura aquêle que mais prejudicará o conhecimento profundo do artista, é o da existência dentro do poeta de diversas personalidades com tendencias quási opostas e mesmo contraditórias. Foi necessário que o artista descesse ao mais fundo da alma para se encontrar, para encontrar a multiplicidade de aspectos, de panoramas e de desejos. Daí a inquietação trágica dos poetas nossos contemporaneos (contemporaneos em arte, não me refiro aos clássicos). Sá Carneiro tem um grito de angústia, desvairado, por se ter perdido dentro de si:

— *Onde existo que não existo em mim ?*

E esse outro poeta amoroso e delicado, que arrastou por êste mundo a sua tragédia e que cansado de viver, naufrago dos sentidos, numa noite gélida de inverno se suicidou, talqual Sá Carneiro ? Guilherme de Faria sofreu como poucos a angustia da inadaptação :

*Senhor ! Eu não sou eu, sou a lembrança
de um outro que não fui mas sonhei ser ;
sônho de amor, fantasma de creança,
sombra de mim, em mim a viver.*

Este fenómeno, que contem em si o germen de toda a poesia moderna (que é descoberta contínua) é precedido de uma outra fase mais genérica em que o poeta vai tentar a descida ao seu mundo para que se lhe abram novos horizontes:

*Dentro de mim, nada vejo ;
parece
que em meu peito nada existe !*

Marques Matias

Possuido de aquele desejo de Casais Monteiro
que eu seja para mim a descoberta...

o poeta vive
num mundo mais novo a cada passo.

Começa aí o seu drama, a descoberta de novas personalidades até então desconhecidas.

*A's vezes julgo encontrar
um Deus dentro de mim.*

Marques Matias

Mas é Guilherme de Faria quem descreve com profunda nitidez todo o complexo sofrimento e tôda a tortura dêste momento poetico, em que o artista se sente quasi vencido

*Na minha alma precoce e complicada
que ainda hoje não posso compreender,*

*passeia, dolorosa e maguada,
a sombra triste do meu proprio sêr.*

E essa sombra projectando-se, amplia-se, como a sombra do caminhante que ao entardecer se estende até ao infinito. Por isso a arte moderna, resultante como é de um esforço e de uma tragédia, é tão humana; tão dolorosamente humana.

E esta febre de Além que me consome...

Fernando Pessoa

*Eu amo o Longe e a Miragem,
Amo os abismos, as torrentes, os desertos...*

José Régio

Êste desejo de trilhar novos caminhos, esta confissão de José Régio num dos mais belos poemas escritos em português, «o cântico negro», leva o artista a uma nova e sempre diferente realização de ideias e emoções. Porque a emoção realiza-se quando, num sentido íntimo e subjectivo, o artista consegue transmiti-la a outros e igualmente os emociona. A inspiração do artista, aquêlê desvairamento febril que toca a alma, no momento sagrado e sublime em que se traduz num gesto ou numa emoção, num desejo ou num aneio, é bem

... um vendaval que se soltou.

E' uma onda que se alevantou

E' um atomo a mais que se animou...

José Régio

E assim é tôda a poesia moderna «uma onda que

que se levanta» mais alto, um revolver de sentidos, para que surja um novo dia, uma nova aurora e um novo mundo, sem ligação com o passado, sem quando nem antes, sem regras e sem sílabas contadas, num tropel de sentimentos, desvairado e grandioso, sem velhos mestres, nem mesquinhas questões de gramática. O que foi, virá por si, pelo caminho da intuição, unico meio de atingir a beleza que é eterna. Todo o artista tem dentro de si o sopro desvairado doutros mais claros, mais límpidos anceios que o tornam interiormente um sêr diferente dos outros. E' essa incógnita, êsse 3,1416 da alma, que tem lançado os homens no caminho da perfeição, sempre insatisfeitos com o que os outros fizeram, e desejando fazer de outro modo e melhor. Eis porque se não pode aferir uma sensibilidade por uma escala algébrica, nem determina-la como quem determina a duração e a intensidade de um scismo. Para se compreender a vastidão e o alcance de qualquer movimento de arte, é necessário ter-se alma e sensibilidade e situarmo-nos fora do tempo ou de quaisquer influências, permitindo-nos assim estar prontos para o entendimento, ou melhor, para a recepção das emoções que os outros nos transmitam. Êsse extraordinário esforço, essa luta contra o que em nós vive ainda do passado, tentou-a e conseguiu-a a poesia moderna. Que ha muitas pessoas que não a compreendem: isso é um facto! Mas já o disse Marques Matias: *não escala montanhas quem quiere.*

*ANTONIO BÔTTO E OS
PROBLEMAS DA MO-
RAL, DA SINCERIDADE
E DA ORIGINALIDADE*

antonio bôtto e os problemas da moral, da sinceridade e da originalidade

O circulo dentro do qual o moralista se move para a construção do seu sistema, é restricto; tão acanhado como um cérebro infantil. Porque sendo a moral um producto das convenções humanas e não participando elas da mesma natureza em todos os agregados, forçoso é reconhecer-se que de um conceito de moral não comungam todos os indivíduos. Esse conceito é variavel, um simples incidente na vida dos homens como a côr dos cabelos ou os proprios gôstos. A razão de sêr de certos pontos fundamentais e primários de todos os sistemas de moral, funda-se num desejo de progresso ou numa ância de perfeição. Mas querer fixar-se um dado ponto e de êle não progredir, contraria os mais desassombrados raciocínios, fundados numa sã filosofia. Se as socieda-

des evoluem de uma maneira tão acentuada, como querer-se que a moral, a arte e a religião,—as três mais belas florescencias do pensamento,—estacionem, e não acompanhem essa mesma evolução? O que em determinado momento histórico é uma verdade indiscutível e indiscutida, séculos volvidos torna-se na mais crassa das mentiras. Querer-se pois fixar um verdadeiro sentido de moral com respeito a uma obra de arte, é confessar-se implicitamente que o cérebro não vê além da perspectiva actual, e desconhece que o homem é uma partícula transitória, e que, paralelamente às gerações, a única coisa que subsiste é a beleza, que as suas frágeis mãos constroem. Cabe agora fazer uma distinção, quanto a mim fundamental, para se evitar mal entendidos e para não ser obrigado a mais longas explicações. E essa distinção é a que eu farei entre moral e princípios scientificamente contrários à natureza. Procurei demonstrar que a moral é variavel conforme a latitude e os tempos e tentarei agora fundamentar o meu raciocínio para concluir que, se olhado pelo lado moral nada ha de censuravel numa obra de arte, observada esta nos seus princípios imutavelmente naturais, poderemos chegar á conclusão de que ela é, não contrária á moral (fugaz e transitória) mas contrária aos princípios que sempre regeram as sociedades humanas. Olhada por êste aspecto, a obra de Antonio Botto falseia e contraria a natureza. Olhada debaixo dêste ponto de vista a sua obra não resistirá ao mais

elementar ataque crítico. Na sequência dos séculos, enquanto se formavam novos sentidos de moral e os filósofos construíam as suas teorias, enquanto assistimos ao evolucionar de todas as ideias, ao triunfo e á sua queda, imutável e eterno encontramos o combate ao homosexualismo, mesmo na velha Grécia. Falsamente se fundava essa condenação em princípios de moral e ainda hoje se funda. O mesmo superior desprêso devemos alimentar para com a homosexualidade, e a mesma condenação, fundados no princípio eterno e imutável de que as sociedades obedecem ás leis da natureza. Compreende-se um homosexual, pela mesma razão que se compreende a existência de um paramoico ou de um epilético. São desvios do normal, tão doentes e dignos de dó como um louco; afirma-o irrefutavelmente a sciência moderna. Se quizessemos buscar a razão dêste desvio em Antonio Botto, teríamos que estudar os seus antecedentes, o meio em que viveu e se formou a sua personalidade. Partindo da hipótese, para mim certa, de que o poeta nasceu em Alfama, bairro de marinheiros, poderei explicar algumas das facetas da sua arte. Os marinheiros portugueses das descobertas foram levados ao homosexualismo, não por tendencia, mas por necessidade. Vivendo meses seguidos num contacto diário, sem a presença de uma mulher, caíram transitoriamente na prática de actos condenaveis. E de geração em geração transmitiu-se o morbo que vamos verificar em Antonio Botto. Nos seus versos ou na

sua prosa, encontramos em contacto permanente com o mar, marinheiros, guitarras e ambientes de Alfama.

*E os poetas a cantar
são echos da voz do mar!*

.....

*Ó sepultura da minha raça,
quando me guardas a mim.*

.....

Guitarras, soluços, pragas.....

.....

*Deu-ma um môço pirata
Onduloso e bronzeado*

.....

*À umbreira da porta, o amante
mastiga palavras que ela não ouve.*

.....

*Um marinheiro descia
ageitando a camisola...*

.....

E a guitarra que faltasse...

.....

E por toda a sua arte se desenha um ambiente de miséria e perdição. Nada ha a censurar ao artista

por isso. A arte deve ser sempre um momento de tragédia. Dante só conseguiu alar-se ao sublime quando descreveu o Inferno.

A sinceridade em Antonio Botto é difícil de ser descortinada ao primeiro momento ou no primeiro estudo. Só se nos revela quando profundamos a sua maneira de sêr. Antonio Botto é sincero quando diz :

*Ama, sim. Mas não obrigues a alma
a humilhar-se chorosa.*

*Sempre a fronte bem erguida;
embora dê nos teus olhos
ampla ternura,
indulgência,
ou bondade reflétida...
.....*

*Se quizeres
impor silencio á roda
dos escandalos que fazes,
e, livremente viver,
sê hipocrita, sê mau.*

*Aprende a cruzar as mãos
como qualquer representante da igreja;
e a olhar com humildade,
mas de modo que se veja...*

*E fala num tom suave
de quem se vai desprendendo
das coisas dêste mundo.*

*E, se falares da morte,
... dá um suspiro bem fundo.*

Esta poesia é, quanto a mim, a que melhor define Antonio Botto. Alguns críticos ao falarem da personalidade do poeta esqueceram-se de a focar: Veja-se Gaspar Simões quando escreveu sobre a sinceridade na poesia de Antonio Botto. Manuel Anselmo, erradamente, atribuía a uma probabilidade satírica.

*Aquela minha alegria,
era alegria nervosa.
Essa falsa alegria que buscamos
no primeiro momento
de uma grande tristeza.*

É esta a única faceta sincera no poeta das canções quando êle sai do campo da homossexualidade; de resto a sua arte é mais artifício para agradar pelo escandalo do que sinceridade. Antonio Botto nos seus poemas é tão pouco pessoal, como o notou Manuel Anselmo num admiravel ensaio, (1) que nunca o poderemos colocar entre os artistas modernos. Êle é objectivo como o foram

1) Notas sobre a attitude lírica de Antonio Botto — Soluções críticas. Edição da imprensa da Universidade.

os clássicos. Antonio Botto é um artista original, exceptuados alguns pelágios descarados que adiante apontarei. Mas a sua originalidade está mais na forma e no ritmo, do que nos conceitos ou nas ideias. Já atrás afirmei que o poeta era substancialmente um clássico, querendo com isso significar que êle desconhece o drama doloroso do artista moderno, quando êste tenta desvendar o seu mundo. A poesia de Antonio Botto é de facil compreensão, por isso mesmo que êle é um objectivo. Incluo na categoria de pelágios o assenhoreamento descarado que êle faz das seguintes quadras populares, intercaladas na sua obra:

*Dei um ai e não ouviste,
Suspirei, não deste fé!
O meu coração é teu;
O teu não sei de quem é.*

(Motivos de Beleza, pag. 34)

*Tudo que é triste no mundo
tomara que fosse meu,
para vêr se tudo junto
era mais triste do que eu.*

(Idem pag. 39)

*Se passares pelo adro
No dia do meu enterro
Diz á terra que não côma
Os aneis do meu cabelo.*

(Curiosidades Estéticas, canção 18)

Muito recentemente num jornal «A Voz dos Mercados», encontrei esta quadra popular, incluída com outras, e assinadas todas por Antonio Botto:

*O cravo da tua bôca
Tem raízes na garganta;
Hei-de arranca-lo com beijos
À hora que o galo canta.*

Afirmei atrás que considerava como autênticos pelágios visto o poeta atribuir-se a paternidade destes versos. E considero pela razão de que os não encontramos entre aspas, e elas para alguma coisa foram feitas. O mais rudimentar dever de quem escreve é ser rigoroso, absolutamente escrupuloso nas suas atitudes. É este aprumo que falta a Antonio Botto. Ele leu em Sheakespear, no Hamlet, a seguinte frase: *Antes sofrer os males que nos cercam do que irmos em busca de outros que ignoramos.* Logo a transplantou para um poema, o XIV da segunda edição das *Canções*:

*Antes sofrer os males que nos cercam
Do que ir em busca de outros que ignoramos.*

Leu nas *Poesias* de Macedo Papança os seguintes versos:

*..... e afinal
Porque era um fragil coração... quebrou-se
Como um cristal!*

Nas *Piquenas Esculturas*, sem alteração alguma,

termina uma poesia com os mesmos versos. Eu bem sei que para tôdas as atitudes se encontra uma explicação. Dirão os defensores de António Bôtto: é absolutamente desculpavel que o poeta, tendo lido êsses versos, e tendo-os fixado no sub-consciente, venha a repeti-los numa poesia sua. Seria assim, se a explicação servisse tambem para as quadras populares que atrás transcrevi. § A admiração dos artistas modernos por António Botto filia-se num caso curioso que eu tentarei explicar: António Botto começou escrevendo, numa época em que o futurismo procurava revolucionar a arte. E os seus versos, despresando as rígidas fórmulas clássicas, agradaram aos revolucionários de então, preocupados mais com a luta contra a forma do que contra a própria substância da poesia. E de tal forma a sua arte se evidenciou, agradando a uns pela desobediência ao classico, e a outros pelos assuntos tratados, que se creou em sua volta um mito, guindando-a ao mais, alto da poesia. Antonio Botto, entretanto, reduzido ás justas proporções de poeta mediano, é um artista de inegavel valôr. A elegancia da sua prosa, o dandismo da sua arte, nos contos para creanças, confere-lhe um dos primeiros logares, entre os escriptores nacionais que se ocuparam desse assunto. O seu livro *O meu amor pequenino*, é uma joia de grande beleza formal. Ideias originaes; poucas. Veja-se por exemplo o conto *O João Pateta*; qual de nós nunca ouviu contar essa historia, tantas vezes repetida ás creanças, pelo

seu disparate que prende e faz rir? E como êsse conto, alguns outros. Leia-se o conto *Danae*, publicado no Magazine Bertrand, n.º 51, ano IV pag. 43, e assinado por António Botto. Confronte-se com um conto *El mozalbete de la cabeza dura y sua hermana la del pie pequeño*, que vem no livro *Las mil Noches y una Noche*, contos traduzidos para hespanhol por Blasco Ibañes, págs. 7 a 16, Volume XX. É tão flagrante o plágio que bem se pode dizer, que o conto de António Botto é uma tradução da versão hespanhola. Antonio Boto é pois um artista, preocupado mais com a forma do que com a ideia. Da obra de um poeta ou de um prosador, ficarão somente as ideias, quando, volvidos os séculos, tornada arcaica a linguagem, esta não fôr senão o barro onde o artista as modelou. Por esta razão, penso que a obra de António Botto não resistirá aos tempos e seu nome se perderá na seqüencia dos anos.

*ACERCA DA LITERA-
TURA BRASILEIRA*

acêrca da literatura brasileira

As novas gerações de Portugal desconhecem quasi que inteiramente o belo e luminoso movimento dos modernistas brasileiros. Alguns desconhecem-no porque só lhes interessa, por simples questão de snobismo, as literaturas francesa e russa, uma pelo aspecto elegante que pretende ter, outra para poderem pronunciar com entôno grave e superior, alguns nomes barbaros aos nossos ouvidos e que lançados numa discussão, dão um certo ar de cultura. Outros, presos ao conceito clássico que o Brasil só exporta brasileiros ricos e ventrudos, nem se dão ao trabalho de procurar saber se a literatura evoluciou ou se ainda é uma copia ridícula da literatura francesa. E porque a literatura brasileira é mal conhecida entre nós e injustamente apreciada, eu quero fazer algu-

mas considerações a seu respeito. Não entrarei na apreciação da causa, se é que houve, pela qual o modernismo foi primeiro uma realidade no norte do que em S. Paulo. Enquanto o sul se preocupava com a filosofia e a explicação da atitude literária que ia revolucionar o pensamento brasileiro, os nordestinos caminhavam serenamente, sem filosofias nem interpretações de arte, para a revolução. Mais tarde unificou-se esse movimento e encontramos-lo teorizado por Jorge de Lima, um poeta de extraordinário valôr, ensaísta de profunda e audaciosa análise, romancista de inquietações sociais, que no norte cresceu e se educou. Talvez, mesmo por isso, a sua poesia seja mais brasileira, descreva toda a angústia do sertão com as suas febres, o seu horroroso calôr, as secas e os seus cangaceiros. Já Guilherme de Almeida, temperamento mais cosmopolita, paulista por educação, é um puro aristocrata. § Alberto Ramos escreveu um dia: *não ha temas poeticos: ha poetas*. E ninguém melhor do que Jorge de Lima o soube demonstrar, quando tratou e traduziu de um modo admiravel a deshumana influência que as bruscas mudanças de temperatura no sertão, causam na sensualidade nativa; quando focou com tamanha precisão, a influência que os três elementos, a mistura das três raças, branca, preta e indiana, têm na mentalidade e organização brasileiras. Êle fala dos sambas, das festas religiosas, dos cangaceiros, das superstições, tudo isto de um modo novo e admiravel. A meu vêr, nada influi

tanto na criação artística, sobretudo no poeta, como o ambiente, a paisagem e o caldeamento de raças. José Augusto, falando àcerca do *Mundo do menino impossível* (1) poesia de Jorge de Lima, escreveu: *A poesia brasileira tem côr, tem alma— mais: é o Brasil virgem, primitivo, sem mascaras ridiculas, sem pretenciosismos nem estrangeirismos. ... A poesia brasileira deitou fóra todo aquele cosmopolitismo que a tornava incaracterística.* Com Jorge de Lima começa a poesia modernista brasileira. Não que êle seja um artista regional, um poeta que só escolhe assuntos, ou só se emociona, com factos da terra onde nasceu, ou com a sua paisagem. Nêle predomina sim, a nota sentimental e terna da sua infancia lá no sertão, com os caboclos, as pretas, o circo que vinha de longe, os bruxedos e as festas. Êle é um lírico em quasi todos os seus poemas; por vezes ouve-se na sua arte uma queixa angustiosa, de perene inadaptação:

*O' minha irmã,
agora que as noites veem cêdo
e paira por tudo
uma tristeza enorme,
e o silencio é tão longo*

.....

*... Vem me relembrar
que crescemos juntos
quando os dias eram compridos e diferentes.*

(1) «Momento», n.º 2—2.ª série—1 de Janeiro de 1934.

Mas o contacto com o mundo obrigou-o a descer á dura realidade, a observar a miséria, a sofrer, a influenciar-se pelo ritmo brutal da maquina, das usinas, a dilacerar os mais belos estados da alma:

*O avião comeu a saudade das mães
que a distancia separou dos filhos vagabundos.*

.....
*Ha maquinas que cegam os adolescentes
ansiosos de ver o progresso do mundo.*

Mas o poeta que é uma criança, que sonha com o *Mundo do menino impossivel*, que recorda com saudade a casa em que nasceu, no meio de um bucolico jardim, onde brincou com a irmã,

*uma inocencia supersticiosa,
que chorava por tudo,*

e onde êle era

*...um menino de olhos extasiados
que tinham saudades
mas não choravam nunca.*

o poeta, dizia eu, não compartilha da amargura dos outros, porque a sua é bem diferente. O seu desejo era ser a eterna criança que brincava no quintal e se alegrava com as historias simples que lhe contavam. E por isso a sua poesia nos fala do Lampeão, do padre Cicero, do rio de S. Francisco.

*...a policia assustada,
as cidadesinhas com os braços para o ar*

*se deixando deshonrar,
saquear, matar...*

.....

*E primeiro desceram pelo rio Opara
os homens que foram ferir a terra á procura de
ouro.*

*E depois os que foram alçar a cruz para curar
as chagas que o ouro fez.*

Nas primeira tentativas poeticas de Jorge de Lima ha uma vaga influencia de Manoel Bandeira, outro grande e extraordinario poeta. A proposito de Manoel Bandeira, mas sem que haja relação alguma com êle, lembro-me sempre de Ronald de Carvalho, o poeta de *Toda a America*. José Lins do Rêgo, o admiravel ensaista a quem muito admiro, escreveu acerca de Ronald umas considerações de todo injustas, para as quais só encontro explicação numa má vontade. Diz Lins do Rêgo que Ronald nos dá a impressão de um Colombo que vai á aventura com apontamentos de bedeker. Ora não ha nada mais falso do que isto: nem o proprio beijo de Judas. Aquela *alegria de crer o caminho com a planta do pé*, é a alegria de todo o poeta moderno que encontrou novos meios de expressão, que se viu, enfim, liberto do passado. Foi a alegria de Alcantara Machado, Agripino Grieco, Gastão Cruls, José Vieira, Cecilia Meireles, Eloy Pontes, Heitor Moniz, Silvio Julio, Ribeiro Couto e do proprio Linsdo Rêgo. Guilherme de Almeida é um artista que, singrando um rumo diferente

do seguido por Jorge de Lima, representa entretanto, uma outra facêta da moderna poesia brasileira. Êle é o poeta aristocratico, polido na convivência com as cidades, por isso mesmo mais superficial que qualquer nordestino. Por ventura a sua alma nunca se debateu numa incerteza, o seu coração não sentiu a imensa amargura e a enorme epopeia do trabalho. Desconhece a existência da máquina que esmaga e domina tiranicamente o homem. A sua poesia insiste no amor, em dolorosas confissões, talvez nunca sentidas. Agrada mais pelo ritmo e malabarismo exterior, do que por qualquer anseio de alma, qualquer tortura, ou simples desejo:

Era uma vez... Mas eu não sei como, onde, quando, porque foi isso. Eu sei que ela estava dançando. O jazz-band esgarçava o veio de uma doidice.

.....

Meu amor, tu virás daqui a pouco, comigo, sonhar num mesmo ninho o mesmo sonho antigo...

Toda a sua obra é, não descoberta ou revelação, mas *continuidade* com o passado. Entretanto, que esta afirmação não fique de um modo absoluto, e que não queira ela significar que Guilherme de Almeida pouco vale. § O romance de inquietações sociais, tem nos modernos escriptores brasileiros, cultores apaixonados. Moreira de Sousa, escreveu num admiravel ensaio sobre a *crise da arte: A investigação analitica, peculiar á sciência, não é extranha á arte... O proprio*

esboçar de qualquer imagem presuppõe pesquisas e percepções, multiplos esforços de cunho essencialmente cognoscitivo. O artista que analisa a sociedade faz tambem uma auto-análise, e eu estou em crêr que, primeiro, o escritor se analisa para depois falar dos outros. Sendo assim, o romance deverá traduzir as inquietações do nosso espírito, sejam elas políticas ou artísticas. O romance frio, realista, de analyse calculada e objectiva, que fêz as delicias dos nossos pais, faliu, e faliu estrondosamente. Um homem de génio, que se chamou Dostoiewsky, assinala o fim dessa especie de literatura. Êle foi o precursor das modernas teorias freudianas. Humberto de Campos o prosador másculo e vibrante que a morte levou e que nos deu livros e cronicas admiráveis, reflete em sua arte tôda a amargura em que se debatia o seu espírito de revoltado contra as injustiças sociais. Mas era um revoltado teorico, como êle próprio confessa nos *Parias*. Plinio Salgado, que escreveu aqueles romances, *O Estrangeiro* e *O Esperado* e que desenhou com profunda consciência a figura de Yvan, merece o primeiro logar na minha admiração. Graça Aranha e José Américo respectivamente com *Chanaan* e *A Bagaceira*, honram uma literatura e colocam-se de direito na vanguarda dos modernos romancistas. O Brasil descobriu-se, tomou consciencia de si, engeitou as influencias que sempre recebera da literatura franceza, tomou contacto com as literaturas nórdicos, e assim se emancipou.

B R E V E E N S A I O
S O B R E A C R I T I C A

breve ensaio sobre a critica

A meu entender, tôda a crítica é antes de tudo uma tentativa de explicação, baseada na indução ou no conhecimento que o artista que analisa a obra tem, da obra criticada, para, partindo da genese do facto que determinou a criação artistica, revelar o modo como compreendeu — quer com o coração, quer com o cérebro — êsse mêsmo fenómeno. Tôda a crítica é, pois, producto de um subjectivismo: é um possível encontro ou uma possível repulsão de duas ideias, ou de dois modos de sentir. A crítica é assim uma segunda criação que vive à margem e paralelamente da obra visada. Como criação que é, vivendo no mundo interior do artista crítico, pela sua evolução contínua, torna-se um producto tão primario do pensamento, que só erradamente se

poderá considerá-la como uma arte secundária. Escrever um ensaio, é fazer uma experiência de apreensão, ou melhor, de tentativa de apreensão e de conhecimento. O ensaísta parte da incerteza, tenta compreender e explicar, segundo o seu modo de vêr, pelas diversas reacções ou resultados a que vai chegando na seqüência do desenvolvimento da sua ideia bazilar, ou da sua primitiva emoção. Por isso eu intendo que raras pessoas escolheram um nome tão adequado para um livro de ensaios como Casais Monteiro, ao chamar ao seu livro *Considerações Pessoais*. A atitude do crítico, é absolutamente pessoal, demonstrativa só de um modo de vêr. Já Manuel Anselmo, ao chamar ao seu livro *Soluções Críticas*, parece colocar-se adentro de um conceito, senão objectivo pelo menos definitivo. Haverá entretanto a considerar que as *soluções críticas* podem sê-lo só para o autôr, e daí estar certo o título. João Gaspar Simões, curioso e profundo ensaísta, deu a um livro o nome de *Temas*. Propôs-se o artista estudar alguns temas que mais interessaram o seu espirito e que por ventura mais interessam à minha geração. Conquanto no seu ensaio sobre o *sentido da ingenuidade na arte*, tome por vezes uma atitude dogmatica, que não se coaduna bem com a sua própria noção de crítica, Gaspar Simões liberta-se desse dogmatismo nos outros ensaios. O modo como o artista sente a arte de Proust, afasta-se um pouco da maneira como eu a compreendo. Para Gaspar Simões, Proust é

um moderno, porque as personagens dos seus romances são criações do artista. *As figuras de Proust vivem, porque Proustas viveu.* (1) Quanto a mim, sinto em Proust um realista que levou ás maiores minúcias aquêlê processo analítico, de fotografia impressionada só pelo exterior das coisas. Proust pôs em romance diversas scenas e factos por êle observados; animou as suas personagens friamente, por calculo. Estou em desacordo, pois, com Gaspar Simões, porque considero Proust um dos últimos grandes realistas. As suas considerações acêrca de Dostoiwsky, são de uma precisão e de uma claresa absoluta: aí encontramos-nos de acôrdo. Se por vezes, numa crítica me surge uma ideia com aparências de objectiva, ou de o querer sêr, estou sempre inclinado a attribui-la a uma insuficiencia de expressão, ou a um producto de uma longa serie de experiencias que conduzem sempre ao mêsmo resultado. Que os outros pensem a mêsmã coisa do que eu escrevo. Continuando: Manuel Anselmo, nêste seu livro, (2) apparece-nos como um artista capaz de se emocionar pela mais simples attitude lírica (simples no sentido de elementar). Natureza complexa, revelando-se-nos por modos diferentes, (essa complexidade é o eixo de uma sobreposição de maneiras literárias) eu julgo encontrar em Manuel

(1) Temas, pag. 62, edições Presença 1929.

(2) Soluções Críticas

Anselmo, na sua arte, uma faceta acentuadamente lírica. Veja-se para exemplo o seu ensaio *a arte nas suas relações com a alma humana* e em outros, quando o espírito livre, do controle do cérebro, vagueia ao sabôr das suas emoções. Mas o pensamento emocionado (porque o pensamento também se emociona) da-nos ensaios de uma flagrante novidade, onde Anselmo se nos mostra um poderoso espírito, que, na análise de um facto, o sabe dissecar, e de êle tira admiráveis conclusões. Estão nêste caso: a *divagação sobre o romantismo de muitos realistas*, as considerações acêrca de Anatole France, e alguns outros ensaios. A maneira inteiramente original porque M. Anselmo foca o romantismo dos realistas e dêle nos dá provas cabais, dá-lhe um lugar á direita da minha admiração. Como ensaista político não o conheço, porque só muito vagamente me interessam essas questões. Em Anselmo, eu noto um grande ardôr combativo; é um indisciplinado em relação a escolas e a grupos, indisciplina que caracteriza todo o verdadeiro artista. Por isso mesmo que o artista é original e a criação parte de si, êle não conhece outro mestre que não seja a sua sensibilidade. Nos nossos modernos criticos eu noto uma rara sêde de cultura, que muitas vezes os prejudica, por isso que alguns não teem a força necessária para se libertarem de influencias. A cultura só não é prejudicial quando o artista consegue manter incolume a sua personalidade através de todas as leituras. E então ela trará ao espírito uma ginas-

tica especial, desvendar-lhe-ha, por ventura, mais claros horizontes e servirá para uma mais completa educação dos sentidos. § Escrevi breves considerações, acêrca da crítica, tal como modernamente ela é compreendida e eu a julgo, e não como a compreendiam nossos pais e algumas mentalidades serodias de nossos dias. Que em Portugal quasi tôda a crítica, ou o que para aí se faz com êsse nome, é escripta por amigos ou inimigos dos artistas. Os indiferentes, quando se vêem forçados a pronunciar-se sobre determinada obra, dizem mal, e tomam ares importantes, de imparcialidade.

E N S A I O S O B R E
P I N T U R A

ENSAYO SOBRE
EL FUTURO

ensaio sôbre pintura

Nesta palavra pintura, eu incluo, além do que o próprio vocábulo significa num restricto sentido, o desenho, a caricatura e qualquer outra manifestação artística, desde que esta se exteriorise por traços, ou por côres. A revolução de concepções artísticas neste campo foi maior de que em qualquer outra modalidade de arte, os seus efeitos foram mais imediatos, porque aqui, quero dizer, no domínio da pintura, vem colocar-se uma outra arte que, tendo algumas afinidades com ela, é, entretanto, mais objectiva e essa arte é a fotografia. O pintor clássico foi substituído e com grande vantagem—de economia e de tempo—pela fotografia colorida. Porque, dentro do conceito clássico, a fotografia é infinitamente superior, pois nos dá o indivíduo tal como é exterior-

mente. Se há até pintores que, primeiro, fotografam os modelos ou as paisagens, para, seguidamente, no remanso burguês de um atelier, retocarem com mãos de mestre, com um alto sentido *artístico* o seu trabalho, baseado na fotografia. A multidão admira-os porque o seu trabalho está tal e qual o que viram; não lhe falta o mais ínfimo promenor... A mediocridade compreende e admira aquilo que facilmente sabe explicar e sempre viu. O que a force a raciocinar, a leve para além do campo das suas possibilidades, ela odeia e vitupera, porque traz implícida a confissão da sua incapacidade. Já a pintura moderna, e não só esta, como a arte de todos os grandes pintores, vai muito além das restrictas possibilidades da vulgaridade. O artista, ao mesmo tempo que se emociona pelo contorno, pelas linhas e pelas côres, ao mesmo tempo que traduz a sua emoção perante determinado facto, vai focar aquele aspecto que mais o prendeu, avulta-o, fa-lo sobresair e por ventura prende-se só com êle. Se é um retrato, procura conhecer a psicologia do retratado e focá-la, simultâneamente, com o aspecto exterior, quiçá preterindo êste. Veja-se um retrato de Eduardo Malta. O seu verdadeiro espírito de artista, corrige defeitos que encontra; continuamente enamorado da beleza, êle não concebe qualquer defeito e daí a elegância natural dos seus retratos, aquele ambiente aristocrático em que vive e paira o espírito do pintor. Já Henrique de Medina é mais um fotógrafo do que um artista. Almada

Negreiros, por ventura o espírito mais revolucionário da sua geração, que contribuiu como poucos para a europeização de Portugal, realisa o tipo perfeito do desenhista moderno. Nos seus trabalhos êle comunica-nos tôda a estesia do seu belo temperamento, dá em poucas linhas a psicologia do objecto, porque entre esta e a maneira de representá-lo, há, necessariamente, uma íntima relação de conexidade, subordinada a um princípio geral. Tôda a arte tende para uma metafísica que é comum a todas e que será, a meu entender, a realização da emoção no mundo do artista. Assim, a mesma emoção, poderá produzir um poema, um romance, uma pintura, uma escultura ou uma música. E, igualmente, qualquer dêstes productos dessa determinada emoção, poderá suscitar-nos a mesma admiração, variável de indivíduo para pessoa, mas idêntica em cada homem. Quero com isto significar que todas as artes têm um fundo comum e nunca se poderão considerar autónomas; são-no nos seus meios de expressão. Flaubert vem indirectamente dar-me razão quando sonhava com um estilo *avec des ondulations, des renflements de violoncelle...* Não querem alguns poetas modernos, uma poesia que seja música e emoção? Não nos dará uma sensação de volume a música de Strawinsky? Qualquer arte é, sub-conscientemente, a mesma. Se o artista conseguisse revelar o seu íntimo, o sub-consciente, a arte seria uma só, porque a sua geratriz é a mesma. Isto não passa de uma grande químera, sem a menor via-

bilidade prática. Se fui buscar tudo isto, não foi por malabarismo de ideias, mas para provar que a pintura participa dos mesmos elementos constructivos que a prosa por exemplo, e que poderá ser lírica como aquela, e igualmente fazer uma análise psicológica, ou de qualquer outra ordem. Não será lírica a pintura de António Soares, de Manuel Lima, ou de Abílio? Não será lírica também a pintura de Augusto, ao mesmo tempo que péssimista? Não serão tratados de psicologia as admiráveis caricaturas de Teixeira Cabral? Há quem confunda, lastimavelmente, a aprendizagem ou o aperfeiçoamento técnico, com a arte. Pode-se ser um grande técnico e não se ser artista, e o contrário também. A técnica, em pintura, adquire-se, como se podem adquirir conhecimentos relativos a qualquer meio de expressão noutro ramo de arte. Ela está para o pintor como a cultura para um romancista, por exemplo. § A máquina, que nos trouxe um novo sentido de ritmo e de movimento, que escravizou o homem, pouco ou nada influenciou os nossos pintores, temerosos de viverem aquela dilacerante angústia do proletário, do homem máquina, sem cérebro e só com acção. Os russos são os que melhor sabem traduzir as inergias brutais que se perdem nas usinas, o cansaço do operário e a sua deshumana tragédia. Talvez tenham nisso um intuito político; mas só muito relativamente o posso crêr, certo como estou de que primeiro as artes dirigem a política do que esta as dirige.

CASAIS MONTEIRO

c a s a i s m o n t e i r o

Em Casais Monteiro é quasi impossivel separar duas das suas atitudes, porque não encontro linha divisória entre elas, resultantes como são ambas do mesmo princípio, ou da mesma geratriz. Quero referir-me à sua poesia e à sua sensibilidade crítica, ou, melhor dizendo, à sua reflexão crítica. Tôda a poesia supõe emoção, confinada restritamente adentro do campo da sensibilidade, ou, quanto muito e só raramente, pensamento emocionado. A poesia será assim a mais simples e directa expressão da arte, ao passo que a crítica supõe já um complexo de elaboração de que participam o cérebro, todos os nossos conhecimentos directos ou indirectos, e a emoção. Estabelecidas estas características, embora muito rudimentarmente, pois outras há, seria fácil demarcar as

tais duas atitudes artísticas de Casais Monteiro, confina-las nos seus campos e separadamente falar delas. Se de facto a sua poesia fôsse o que eu entendo por verdadeira poesia, estaria certo e não teria eu de estabelecer uma dúvida que há algum tempo me assalta. Pergunto a mim mesmo se Casais Monteiro não será sòmente um crítico, e se as suas poesias não serão ensaios de uma nova factura e de uma outra concepção. Paul Valery com a sua *poésie de la connaissance* afasta-se, e muito, do conceito da poesia verdadeira, que pouco ou nada tem de cerebral, para nos dar uma nova maneira poética, raciocinada, física, matematicamente certa. Todo o artista, para quem o cérebro domine o coração, que tenha controle mental nas suas atitudes, só muito raramente e acidentalmente será um poeta. Criticar, implica uma pesquisa de causas e de efeitos, uma ordenação cerebral, sistemática e complexa. E sendo a poesia emoção, ou, quando muito, intuição, nunca se poderá harmonisar com um temperamento reflexivo, característico de qualquer artista crítico. Se falei de Valery, não foi incidentalmente, mas porque entre a sua poesia e a de Casais Monteiro encontro pontos de contacto: o mesmo raciocínio frio, analista, a existência de elementos e complexos filosóficos e estéticos. § Tõda a crítica, como criação que é, obra primária e tão essencial como a obra visada, admite uma análise — outra crítica — sem que o segundo crítico se veja na contingencia de se referir e de estudar detalhadamente

o assunto visado na primeira. Falar à cerca de uma obra, não é pretender explicá-la, como um cicerone pode explicar as peças de um museu, mas antes dizer um pouco da madeira como sentimos e vemos o que outro sentiu e viu. Pode sim o analista de uma obra literária discordar dos processos, da maneira, da realisação enfim; pode ainda ir mais longe: procurar dentro do complexo da tese, ou da emoção, aquêlê princípio objectivo que preside a tôda a ideia creadora, pois ela não surge isolada, e antes mantem uma íntima relação de conexidade com outras idéas anteriores. O homem não surge só: o próprio génio, que na admirável definição de Benjamim de Lima, é um relógio adeantado, vem um dia a estar certo com o relógio dos outros, sob pena de ser eternamente incompreendido. Qucro eu dizer, e aquí me afasto um tanto do pensamento da grande maioria dos modernistas, que a obra original, tomado êste adjectivo na sua verdadeira significação, não existe. Existe sim o artista que vai ao mais escondido da alma e de lá nos trás aquilo de que nunca havíamos suspeitado da existência e que no entanto lá estava e só depois reconhecemos. Um piqueno esforço de compreensão bastar-nos-ha para atingir o meu pensamento. O artista que fôsse inteiramente original, seria um grande, um eterno desgraçado. Quem o poderia compreender? E eu mesmo duvido que se possa attribuir com justiça o nome de artista aquêle que fizesse arte só para si. Buscar dentro de si aquilo que os outro tam-

bém têm e não descobriram, para aí nos encontrarmos, entendendo eu ser o objectivo da arte moderna. Casais Monteiro, no seu último livro «*Poemas do Tempo Incerto*», aparece-nos como um torturado, num desejo de descer ao mais íntimo para de lá avistar novos horizontes:

*passeio sem dar conta os olhos pelo quarto,
escorrego em sonhos,
tropeço, ao lusco fusco, em ecos de quimera*

Mais um esforço e o artista, desiludido, sentirá o cansaço apoderar-se:

*Hoje,
de antemão tudo sonho já vivido...*

Mas ainda não chegou a hora: um novo e maior esforço o levará a bom destino e

*Ao sabôr de idéas vagas
navega no mar do sonho
esta cabeça excitada*

O artista procura inutilmente atingir o desejado sonho; vive horas angustiosas, trágicas como uma longa caminhada: assiste, impassível e mudo, à maior das tragédias que podem tocar o coração do homem, que é a tragédia que tem sempre o mesmo ambiente, a mesma côr e vive dentro das paredes do seu crâneo. Porque êle conhece que uma vez

exteriorisada não consegue tocar os outros, porque é dêle e só dêle, apesar de ser de todos os que vivem para o mundo do pensamento. Mas êle sabe também que é essa dôr que põe o sêlo da eternidade na sua obra, e por isso a bendiz. O artista chega e vê e sente.

*Num descerrar de névoas
chegaram, irreais, mensagens doutros mundos.*

Atingiu então a idéa, aquela idéa que vive e palpita em todos nós, mas que só Um teve a coragem e soube ir buscar ao fundo da alma. Mas, para isso, é preciso

*esquecer a memória
e viver os caminhos sem que venha à tona
o sabor pálido de todos os passados !*

Assim, na trajetória dolorosa desta vida, no anseio fremente de chegar, se dilaceram os mais puros estados de alma, para se desenhar, trágica e grandiosa a obra do artista.

Para mim Casais Monteiro é um dos melhores temperamentos críticos da minha geração, em Portugal. O seu espírito, de uma grande rebeldia de um perene descontentamento, continuamente revoltado contra tudo e contra todos, procurando sempre e através de tudo vincar a sua curiosíssima personalidade, é dos mais bem constituídos

que jámais encontrei. Não que eu admire e esteja de acordo com êle em todas as suas opiniões, mas, porque, embora com pontos de vista diferentes reconheço nêle, através da sua arte, uma superior organização psíquica. A mesma indisciplina, a mesma revolta contra o estabelecido e a mesma ância de caminhar livremente, sem apoios e sem o passado, nos une; a Casais Monteiro, e a mim. No seu livro de ensaios críticos *Considerações Pessoais*, áparte uma ou outra passagem em que o pensamento é 'nubeloso, e só muito difficilmente se deixa apreender, está exposta e interpretada de uma maneira inteiramente nova, com rara clareza, toda a filosofia da chamada corrente modernista. Se por vezes Casais Monteiro vai mais além das minhas concepções, com isso significa que é mais revolucionário, em certos pontos, do que eu. Não que julgue falsas estas ou aquelas ideias por eu não comungar com elas; mas, por isso mesmo, procuro compreendê-las melhor, integrar-me no seu pensamento ou nas suas emoções, para não ser hospede. Só porque não compreendemos determinada attitude, não a devemos julgar falsa.

ORDEM DOS ENSAIOS

1.^o

A razão de ser assim

2.^o

Um aspecto da literatura portuguesa

3.^o

A poesia moderna em Portugal

4.^o

António Botto e os problemas da moral, da sinceridade e da originalidade

5.^o

Acêrca da literatura brasileira

6.^o

Breve ensaio sobre a crítica

7.^o

Ensaio sôbre a pintura

8.^o

Casais Monteiro

ALGUNS ÊRROS TIPOGRÁFICOS

ENSAIO ACERCA DE ANTÓNIO BOTTO

paramoico leia-se *paranoico*

pelágios » *plágios*

ACERCA DA LITERATURA BRASILEIRA

crer leia-se *crear*

nordicos » *nordicas*

DESTA EDIÇÃO
FEZ-SE UMA TIRA-
GEM ESPECIAL, 40
EXEMPLARES EM
PAPEL FEATHER-
WEIGHT 100 g.

PROXIMAS EDIÇÕES

O ANÃO DA FLORESTA
de alberto rebele de almeida

/

DEUCALIÃO
de marques matias

/

AGIS — TRAGÉDIE GRECQUE
de josé augusto traduction de georges de roo

/

D I S Q U E S
poemes de alvaro canelas

/

POEMAS IMORAIS
de helen a maria

/

A MULHER DOS DOIS CORAÇÕES
d e a r t u r a u g u s t o

PRINCIPAIS EDIÇÕES MOMENTO

S E N S U A I S

de helena maria

/

ROMANCE DE INEZ DE CASTRO

d e a r t u r a u g u s t o

/

AGUA DO MEU POÇO

de marques matias

/

H E L L A D A

de josé augusto

/

C I U M E

de antónio botto

/

MARIAS DA MINHA TERRA

d e a l i c e o g a n d o

ESTE LIVRO FOI COM-
POSTO E IMPRESSO
NAS OFICINAS GRA-
FICAS DA TIPOGRAFIA
P O R T U G A L
RUA DA ROSA 14 E 16
PARA AS EDIÇÕES
M O M E N T O

EDIÇÕES MOMENTO
R. DOS FANQUEIROS
N.º 65, 2.º LISBOA

